

# A HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA E A VARIAÇÃO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS

*Regina Celia Mendes Pereira*

Universidade Federal da Paraíba

- RESUMO: *Estudo quantitativo sobre a variação das vogais médias pretônicas / e / e / o /, em sílaba inicial de vocábulo, nos padrões silábicos CV- e CVC-, no dialeto pessoense. Utilizando a metodologia da análise variacionista, foi examinada a fala de 60 informantes estratificados de acordo com o sexo, faixa etária e anos de escolarização. Constatou-se o predomínio das variantes abertas [ê] e [ó], e que as variantes elevadas [i], [u] e as fechadas [ê], [ô] têm sua ocorrência determinada pela vogal da sílaba seguinte.*
- PALAVRAS-CHAVE:
- ABSTRACT: *Quantitative study on the variation of mid pretonic vowels / e / and / o /, in initial syllabic patterns as CV- and CVC-, in João Pessoa - PB. Making use of the variationist methods of linguistic analysis, it has been examined the speech of sixty people stratified in relation to sex, age and scholarship, through which it has been established that the low variants [e] and [ɔ] are predominant, and that the high variants [i], [u] and the mid variants [e], [o] are determined by the immediate next syllable.*
- KEY WORDS:

## I INTRODUÇÃO

Esse artigo representa um recorte de nossa dissertação de mestrado, intitulada AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DO PESSOENSE URBANO, onde analisamos a realização variável dessas vogais na cidade de João Pessoa, PB. Utilizamos o *corpus* do projeto VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO ESTADO DA

PARAÍBA, composto de sessenta informantes, estratificados de acordo com sexo, idade e anos de escolarização. Esses informantes foram entrevistados individualmente por alunos participantes do projeto. Cada entrevista gravada tinha a duração média de sessenta minutos. Atualmente, essas entrevistas estão transcritas e armazenadas na UFPB, e aguardamos para breve a publicação do corpus.

Em nossa pesquisa, estudamos o comportamento variável das médias *e* e *o* (abertura / é // ó /, fechamento / ê // ô / e elevação / i // u /), em sílaba inicial de vocábulo, nos padrões silábicos CV- e CVC-. Consideramos como variáveis independentes os seguintes fatores: vogal da sílaba seguinte, atonicidade da vogal seguinte (casual ou permanente), classificação morfológica, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte.

Os dados foram trabalhados à luz da Teoria da Variação. Utilizamos os métodos de análise da Sociolinguística Quantitativa, submetendo, então, os dados ao programa computacional VARBRUL 2S, versão 1988.

A análise computacional demonstrou a influência determinante da variável VOGAL DA SÍLABA SEGUINTE no condicionamento das médias, por essa razão, descreveremos nesse artigo os resultados dessa variável.

## II ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para avaliar melhor a influência das vogais seguintes sobre as médias, organizamos duas tabelas: uma com os dados da não-recuada / e /, e outra com os dados da recuada / o /. Foram examinadas 8.679 realizações para / e / e 6.401 para / o /, perfazendo um total de 15.080 ocorrências.

O fator atonicidade da vogal seguinte não foi considerado em virtude das razões apresentadas acima: Bisol (1981), Maia (1986), Silva (1989) e Battisti (1993) demonstraram a irrelevância desse fator no condicionamento das vogais / e / e / o / em sílaba inicial.

Diferentemente do critério adotado por essas pesquisadoras, optamos por separar as altas orais / i / e / u /, e as altas nasais / ã / e / õ /, a fim de controlarmos, sob o ponto de vista articulatorio (Mattoso, op. cit, p. 44), a influência da anterior / i / e da posterior / u /, separadamente. Bortoni (1992) adotou o mesmo procedimento. Por outro lado, agrupamos num mesmo contexto, as não altas nasais: **ã**, **ê**, **õ**. Essa atitude se justifica, primeiramente, pelo comportamento de **ã** e **õ** que se revelaram coincidentes no favorecimento da abertura das médias: E, finalmente, pela ocorrência mínima do contexto vocálico seguinte **õ**, ao longo de todo corpus, restringindo -se a três únicos vocábulos: **personagem**, **vergonha** e **responsável** todos de realização aberta.

Observemos os resultados referentes às tabelas 1 e 2 nas páginas seguintes.

TABELA 1 — VOGAL DA SÍLABA SEGUINTE  
RESULTADOS PARA / E /

	I			é			ê		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
i Revista	1233/2069	60%	.65	483/2069	30%	.16	202/2069	10%	.19
U Verdura	92/476	19%	.17	317/476	67%	.55	67/476	14%	.26
E Cerveja	40/321	12%	.7	17/321	5%	.2	264/321	82%	.91
O Nervoso	17/224	8%	.7	45/224	20%	.9	162/224	72%	.84
é vegetais	20/405	5%	.6	330/405	81%	.59	55/405	14%	.35

o velocidade	155/765	20%	.19	543/765	71%	.59	67/765	9%	.22
a verdade	98/1237	8%	.10	982/1237	79%	.77	157/1237	13%	.13
i menina	632/760	83%	.97	124/760	16%	.2	4/760	1%	.1
ü segundo	101/226	45%	.83	122/226	54%	.14	3/226	1%	.3
ã ã õ vergonha	82/985	8%	.9	803/985	82%	.74	100/985	10%	.17
dit levou	276/1211	23%	.15	253/1211	21%	.11	682/1211	56%	.74

P = peso relativo

F = freqüência

**TABELA 2 — VOGAL DA SÍLABA SEGUINTE  
RESULTADOS PARA / O /**

	U			ó			ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
i policial	654/839	78%	.82	143/839	17%	.8	42/839	5%	.10
u procurar	27/301	9%	.14	239/301	79%	.55	35/301	12%	.31
E Governo	933/1889	49%	.30	24/1889	1%	.2	932/1889	49%	.68
O, Gostoso	29/104	28%	.8	2/104	2%	.1	73/104	70%	.91
E Novela	75/568	13%	.9	465/568	82%	.76	28/568	5%	.14
O									
A Votar	190/1154	16%	.6	948/1154	82%	.92	16/1154	1%	.2
i Cozinha	162/171	95%	.95	4/171	2%	.1	5/171	3%	.4
U Profundo	11/51	22%	.27	38/51	75%	.66	2/51	4%	.7
ã ã õ momento	27/624	4%	.1	562/624	90%	.95	35/624	6%	.4
Dit Comeu	64/466	14%	.8	192/466	41%	.23	210/466	45%	.68

P = peso relativo

F = freqüência

De modo geral, os números correspondentes à não-recuada / e /, e à recuada / o / não apresentam grandes diferenças entre si. Vejamos, inicialmente, a distribuição dos índices de probabilidade e freqüência no contexto das altas orais e nasais: [ i ], [ u ], [ ĩ ] e [ ü ].

**TABELA 3 MÉDIAS ANTES DE ALTAS ORAIS  
E NASAIS [ i ], [ u ], [ ĩ ] e [ ü ]  
RESULTADOS PARA / E /**

	i			é			ê		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
i revista	1233/2069	60%	.65	483/2069	30%	.16	202/2069	10%	.19
u verdura	92/476	19%	.17	317/476	67%	.55	67/476	14%	.28
i- menina	632/760	83%	.97	124/760	16%	.2	4/760	1%	.1
u- segundo	101/226	45%	.83	122/226	54%	.14	3/226	1%	.3

**TABELA 4 — MÉDIAS ANTES DE ALTAS ORAIS  
E NASAIS [ i ], [ u ], [ ĩ ] e [ ü ]  
RESULTADOS PARA / O /**

	u			ó			ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
i policial	654/839	78%	.82	143/839	17%	.8	42/839	5%	.10
u procurar	27/301	9%	.14	239/301	79%	.55	35/301	12%	.31
i cozinha	162/171	95%	.95	4/171	2%	.1	5/171	3%	.4
ü profunda	11/51	22%	.27	38/51	75%	.66	2/51	4%	.7

Confirmando as hipóteses levantadas, os índices mais altos de elevação ocorrem diante de [ i ] e [ ĩ ], tanto para / e /, como para / o /. No caso específico da nasal [ ĩ ], a aplicação da regra de elevação tem caráter categórico (.97 para / e / e .95 para / o /). Os

únicos vocábulos que apresentam variação para / o / são : s [ô] rindo (1), r [ô] tina (4) e r [ó] tina (3). Os demais permanecem invariavelmente altos.

Ex.: c [u] zinha, d [u] rindo, d [u] mingo, s [u] brinha, f [u] cinho

No que se refere às variantes para / e /, podemos dizer que a mesma tendência se mantém. Só registramos quatro ocorrências da variante ê, e três delas pertencentes a informantes universitários, que demonstraram ser os mais favorecedores da variante fechada.

Ex.: n [ê] guinho, s [ê] ringa, r [ê] cinto e s [ê] guinte.

Excetuando - se o vocábulo **seguinte**, que também se apresentou como variante fechada (s [ê] guinte), todos os outros que se realizaram com a variante i permaneceram invariáveis.

Ex.: m [i] nina, s [i] rvindo, p [i] dindo, d [i] fini.

Apesar de dispormos de um percentual de (16%) para é, que poderia comprometer a natureza categórica da regra, constatamos que das 760 ocorrências disponíveis para / e / apenas 124 se realizaram como é, e dentre essas realizações (92%) são do verbo **terminar** e derivados, e o restante das ocorrências representada por vocábulos portadores do sufixo diminutivo - **inho (a)**, daí termos a explicação para o baixo valor atribuído ao peso relativo (.0,2). Isto é, a representatividade desse percentual é irrelevante, não interferindo, portanto nos resultados.

Além disso, no caso específico do vocábulo **terminar**, ocorre a sobreposição de fatores, uma vez que, no contexto fonológico seguinte (trataremos desse contexto nas seções seguintes), a

vibrante posterior / r<sup>-</sup> / demonstrou favorecer a abertura das vogais.

No que concerne aos vocábulos portadores do sufixo diminutivo, tivemos registro de apenas oito ocorrências invariáveis:

Ex.: r [é] zinha (1), p [é] stinha (1), r [é] stinho (1), p [é] rtinho, f [é] stinha (2)

Silva (1989, p. 193) constatou que, também no dialeto de Salvador, as pretônicas desses derivados não se modificam em função da vogal dos sufixos, mantendo o acento de origem. Em nosso dialeto, também constatamos a tendência da atonicidade casual da pretônica manter o acento de origem, inibindo assim a elevação.

Por outro lado, quando temos [ u ] e [ u~ ] no contexto vocálico seguinte, a tendência se inverte. A alta oral posterior / u / não favorece a elevação nem de / e /, nem de / o /. Os valores percentuais revelam, ao contrário, a ocorrência majoritária das realizações abertas (é = 67% e ó = 79%). Bisol (1981) já registrara que a alta não homorgânica / u / tem influência menor na elevação das médias.

Ex.: p [é] ssual, v [é] rdura, d [é] putado, r [é] gular, p [é] lúcia, v [é] stuário, p [é] ruca, t [ó] rtura, c [ó] rrupto, p [ó] pulação,

Quando consideramos o peso relativo (é =.55 e ó =.55), verificamos que, apesar de esses valores serem inferiores aos registrados para o percentual (é = 67% e ó =79%), ainda assim a influência desse contexto sobre a realização aberta é significativa, uma vez que, na análise ternária, de acordo com o VARBRUL, números superiores a .30 demonstram o favorecimento da variável.

É conveniente ressaltar que [ i ] e [ u ] na sílaba seguinte se apresentam como os maiores favorecedores da realização variável nos três níveis: elevação, abertura e fechamento. Silva (1989) constatou que o mesmo fenômeno ocorre no dialeto de Salvador: a alternância entre i::ê::é e u::ô::ó ocorre apenas antes de vogais altas na sílaba seguinte. Foi possível encontrar as seguintes formas variantes no nosso corpus:

sufrimento	- sófrimento	- sôfrimento
turcida	- tórcida	- tôrcida
pronúncia (1 ocor.)	- pronúncia	- prônúncia (5 ocor.)
prudente	- préssidente	- prêssidente
revista	- révista	- rêvista
filiz	- fêliz	- rêliz
precisa	- préssica	- prêssica
português	- pôrtuguês	- pôrtuguês
segurança	- ségurança	- sêgurança

No que diz respeito à alta posterior nasal [ ã ], percebemos um comportamento diferenciado para / e / e para / o /.

Retomemos os dados das Tabela 3 e 4 (apenas com as médias antes de [ ã ]).

/ e / e / o / antes de [ ã ]	u	ó	ô	i	é	ê
(pronúncia) Peso relativo =	.27	.66	.07	.83	.14	.03
(pergunta) Frequência =	22%	75%	4%	45%	54%	1%

Se por um lado, o [ ã ] favorece a abertura de / o /, por outro, favorece a elevação de / e /. Note-se também que a aparente falta de paralelismo entre os valores do peso relativo e do percentual se justifica pela co-ocorrência de fatores. Apesar de os valores percentuais serem muito próximos para as variantes (i = 45% e é = 54%), o peso relativo se distancia de maneira acentuada (i = .83 e é = .14), e a referência ao peso relativo é mais importante na avalia-

ção das tabelas. Essa sobreposição de fatores se manifesta por conta da interferência da vibrante posterior / r̄ /, favorecedora da abertura, já que a maioria das ocorrências verificou-se em vocábulos como: **pergunta**, **perguntaram** e derivados. É muito precipitado também fazer qualquer inferência definitiva a respeito da elevação de / e / diante de [ ã ], já que 93% das ocorrências se restringem a **sigunda** e **sigundo**.

Vejamos agora, nas Tabelas 5 e 6, os contextos que se revelaram mais favorecedores da abertura das médias pretônicas.

TABELA 5 — MÉDIAS ANTES DE [ ε ], [ ɔ ], [ a ]  
E DAS NÃO ALTAS NASAIS - RESULTADOS PARA / E /

	i			é			ê		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
é	20/405	5%	.6	330/405	81%	.59	55/405	14%	.35
vegetais	dipressa			seleção			vêgetais		
ó	155/765	20%	.19	543/765	71%	.59	67/765	9%	.22
relógio	milhor			resposta			remoto		
a	98/1237	8%	.10	982/1237	79%	.77	157/1237	13%	.13
verdade	divagar			relação			fechado		
ã e õ	82/985	8%	.9	803/985	82%	.74	100/985	10%	.17
vergonha	piqueno			levanta			sêmana		

TABELA 6 — MÉDIAS ANTES DE [ ε ], [ ɔ ] e [ a ]  
E DAS NÃO ALTAS NASAIS - RESULTADOS PARA / O /

	u			ó			ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
é	75/568	13%	.9	465/568	82%	.76	5/568	5%	.14
novela	buneca			prójetto			côlheres		
ó									
colocar									
a	190/1154	16%	.6	948/1154	82%	.92	16/1154	1%	.2
votar	butar			côração			pôrcaria		
ã e õ	64/624	14%	.1	562/624	90%	.95	35/624	6%	.4
momento	butando			próblema			momento		

Vemos novamente se confirmarem as expectativas. As ocorrências de variantes abertas são predominantes em contexto de mesma altura, e diante das não-altas nasais [ã], [e~], [õ]. Temos aí a aplicação da regra de harmonização vocálica atuando outra vez. Observamos também que, em termos gerais, a vogal recuada / o / está mais sujeita à regra de abertura do que a não - recuada / e /. Os valores probabilísticos e percentuais atribuídos à / o / são inequivocamente mais altos em todos os contextos considerados. Inclusive diante de [ □ ], a realização aberta foi categórica: nenhum caso de elevação foi registrado, e os casos de fechamento se restringem a cinco ocorrências do verbo **colocar** e derivados.

Ex.: c [ô] locava (2), c [ô] locar (2), c [ô] locarem (1)

Nos demais registros, temos a ocorrência categórica de vocábulos como:

Ex.: c [ó] locar, pr [ó] posta, f [ó] rmosa, pr [ó] vocar, g [ó]stosa,  
g [ó] stosona, ch [ó] colâte, f [ó] foca, c [ó] lorau, pr [ó] to-  
colo

Convém explicar que a ligeira desproporção existente entre os valores atribuídos a u e ô se deve ao fato de que a grande maioria das ocorrências registradas para indicar a elevação de / o / antes de [ ε ] são do vocábulo **b[u]neca**. Por essa razão, na medida em que eleva o percentual, diminui o peso relativo. Retomemos, portanto, os valores presentes na tabela 6 (Médias antes de [ ε ], [ □ ], [ a ] e das não altas nasais), especificamente no que se refere ao contexto de / o / antes de [ ε ].

/ o / antes de [ ε ] (boneca)		u	ô
	Peso relativo	= .0,9	.14
	Frequência	= 13%	5%

Em relação a / e / diante de [ □ ], os resultados são bem diferenciados:

		i	é	ê
/ e / antes de [ □ ]	P =	.19	.59	.22
(medrosa)	F =	20%	71%	9%

Os valores percentuais revelam o que já é consensual : a predominância da variante é. Por outro lado, quando observamos os valores probabilísticos referentes às variantes i e ê, constatamos sua grande proximidade (i = .19 e ê = .22), provocando, então, um certo desequilíbrio quando comparado aos valores percentuais (i = 20% e ê = 9%). A explicação para essa falta de paralelismo reside também na sobreposição de fatores, como já foi demonstrado anteriormente.

Nas ocorrências registradas para a elevação de / e /, tivemos a absoluta maioria (98%) do advérbio **melhor** e seus derivados verbais e nominais.

Ex.: m[i]lhores, m[i]lhorar, m[i]lhorando,  
m[i]lhoramos, m[i]lhorava, m[i]lhorasse.

As outras ocorrências mínimas são de : **distroço** (1) e **di-solações** (1), que recebem a influência direta da sibilante / s / que já demonstrou, nos trabalhos aqui mencionados, favorecer significativamente a elevação.

Já para a variante ê, apesar da ocorrência predominante (75%) do advérbio **mêlhor**, houve uma variedade maior de vocábulos com realização fechada, elevando, portanto, o peso relativo.

Ex.: nêgócio, rêmoto, dêmocrático

É interessante observar que o único vocábulo que se apresentou predominantemente variável nos três níveis foi o advérbio **melhor** e seus derivados. Esses dados nos levam a concluir, então, que esses vocábulos, por si sós, não podem comprometer a predominância da realização aberta nesse contexto, já que existe uma grande diversidade de vocábulos para a variante **é**.

Ex.: resposta, réfogo, sérrote, débochando, nervosa, decorativo, pérgolado, séboza, negócio, rélogio, férvorosa, etc.

As tabelas 7 e 8 apresentam os contextos favoráveis ao fechamento das médias.

TABELA 7 — / e / diante de [ ê ], [ ô ] e ditongo

	i			é			ê		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
ê	40/321	12%	.7	17/321	5%	.2	264/321	82%	.91
cereja	bizerro			mércearia			pêrder		
ô	17/224	8%	.7	45/224	20%	.9	162/224	72%	.84
nervoso	milhorei			pessoal			chêgou		
dit	276/1211	23%	.15	253/1211	21%	.11	682/1211	56%	.74
levou	pidiu			géléia			rêspeito		

TABELA 8 - / o / diante de [ ê ], [ ô ] e ditongo

	u			ó			ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
ê	933/1889	49%	.30	24/1889	1%	.2	932/1889	49%	.68
governo	sussego			lóteria			correr		
ô	29/104	28%	.8	2/104	2%	.1	73/104	70%	.91
gostoso	buto(u)			córonel			côlocou		
dit	64/466	14%	.8	192/466	41%	.23	210/466	45%	.68
comeu	cubriu			jórnais			môrreu		

Analisando cuidadosamente os valores presentes na tabela acima, vemos a confirmação da hipótese de que as variantes fechadas **ê** e **ô** só predominam nos contextos de mesma altura, e de ditongos. Vale esclarecer que o ditongo foi tratado indistintamente, não importando se fosse crescente ou decrescente. Os ditongos nasais não foram considerados porque tiveram ocorrência inexpressiva, apenas cinco: pórtão, córdão, pôrão e quéstão.

Apesar de não termos controlado estatisticamente essa diferenciação entre os ditongos, pudemos observar que a distribuição das variantes nesse contexto ocorre de maneira previsível.

Ex.: i - preferencialmente diante de iu

pidiu, firiu, sirviu, vistiú (excetuando -se: dimais e dibaixo)

é - preferencialmente diante de : légaw, réawmente, réstaurante, gé-léia, pérfiw

ê - preferencialmente diante de: rêspeito, dêpois, pêrdeu, pêguei

u - preferencialmente diante de: cubriu, durmiu, pruveito

ó - preferencialmente diante de: jornais, móraw, fórmaw, locaw

ô - preferencialmente diante de: môrreu, nôtei, sôfreu, pôrão, bôtei

De modo geral, os resultados expostos nas Tabelas 7 e 8 não revelam surpresas. Os valores percentuais e probabilísticos mais altos, quase categóricos, atribuídos à realização fechada de / e / e / o /, se restringem aos contextos de mesma altura **ê** e **ô**, diminuindo um pouco diante dos ditongos.

No entanto, é interessante observar que no nosso dialeto, a vogal não recuada / e / está mais favorável ao fechamento do que à elevação. Considerando o consenso existente entre os pesquisadores já citados neste trabalho, de que a realização fechada das vogais pretônicas é pouco provável no nordeste, e que o fenômeno de elevação é uma tendência convergente entre os dialetos brasileiros, causa uma certa surpresa, então, verificar que dos onze contextos vocálicos considerados, a variante *i* só predomina sobre *ê*, quando se encontra diante de [ i ], [ ĩ ], [ ã ]. Nos outros oito contextos restantes, *ê* é mais provável de ocorrer (consultar TABELA 2). No que se refere à vogal recuada / o /, o número de contextos em que *ô* predomina sobre *u* cai para seis. Sendo que, em três desses contextos, a diferença entre os pesos relativos das variantes *u* e *ô* revelou-se inexpressiva.

Os únicos resultados da Tabela 8 que merecem um esclarecimento particular são os referentes a / o / antes de [ e ]. Vejamos a distribuição dos valores:

RESULTADOS PARA / O / DIANTE DE [ e ]				
/ o / diante de [ e ]		<i>u</i>	<i>ô</i>	<i>ê</i>
(governo)	Peso relativo	.30	.02	.68
	Frequência	49%	1%	49%
	Aplic./ total	933/1889	24/1889	932/1889

Em primeiro lugar, o que mais chama a atenção nesses dados é o alto número de ocorrências e a perfeita distribuição existente para as variantes *u* e *ô*. Isso se explica pela presença da conjunção **porque**, já que apesar de o fator classe de palavras não ter sido escolhido pelo programa como significativo no condicionamento da realização da média, mantivemos a codificação para a conjunção a fim de acompanhar o comportamento variável da vogal nessas condições. **Porque** se realiza variavelmente como

**p[u]rque** ou **p[ô]rque** indistintamente: das 1650 ocorrências da conjunção, 869 foram de **p[u]rque** e 781 de **p[ô]rque**.

Em segundo lugar, já que a labial precedente demonstrou favorecer a elevação das vogais pretônicas, justifica-se assim a diminuição no peso relativo da variante *u* (*u* = .30 e *ô* = .68), devido à sobreposição de fatores ( influência do contexto fonológico precedente).

Comparando, então, os nossos resultados gerais com os do dialeto de Salvador, observamos que existem poucas diferenças entre os dois dialetos, apesar de serem bem significativas.

Dialeto de Salvador:			
<i>i</i> = 20,3%	<i>é</i> = 60,3%	<i>ê</i> = 19,4%	
<i>u</i> = 24,9%	<i>ó</i> = 57,8%	<i>ô</i> = 17,3%	
Dialeto de João Pessoa:			
<i>i</i> = 34%	<i>é</i> = 44%	<i>ê</i> = 21%	
<i>u</i> = 35%	<i>ó</i> = 42%	<i>ô</i> = 22%	

Essas diferenças se tornam mais significativas, à medida em que consideramos que a amostra de Salvador se constitui apenas de falantes universitários, que demonstraram ser os mais favorecedores das variantes *ê* e *ô* (Silva, 1991, p.84-86).

Como em nossa pesquisa trabalhamos com cinco níveis de escolaridade, podemos concluir que, em termos gerais e percentuais, o pessoense eleva e fecha mais as vogais, ao mesmo tempo em que abre menos que os soteropolitanos.

No entanto, analisando horizontalmente os resultados, constatamos que os valores são coincidentes, apesar de diferirem proporcionalmente. Em primeiro lugar, temos as ocorrências abertas, seguidas pelas altas, e finalmente pelas fechadas. Só que no caso de Salvador, as variantes abertas são superiores às altas e fechadas juntas.

Já no que diz respeito às conclusões obtidas, os resultados são extremamente parecidos. Silva afirma que a alternância u:: ó:: ô e i:: é:: ê, só se configura diante de vogais altas orais e nasais (i, u, î, û). Nos outros casos, ocorre uma relação de complementaridade entre as vogais médias, que não ocorrem antes de vogais de mesma altura; e as baixas que ocorrem nos outros contextos restantes.

No nosso caso, a alternância entre as três variantes i, é, ê e u, ó, ô também ocorre antes de altas orais, mas não diante das altas nasais. Também registramos uma alternância entre os três níveis de altura para / e / diante de [ λ ], bem exemplificada pelos vocábulos: melhor, méllhor e mêlhor.

Nos outros contextos, as variantes se encontram em distribuição complementar: médias fechadas antes de vogais fechadas, e médias abertas antes de vogais abertas.

Em relação às altas nasais [ î ] e [ û ], temos um comportamento diferenciado. A nasal [ î ] favorece a elevação categórica tanto de / e / como de / o /. Enquanto que a nasal [ û ] favorece a abertura de / o /, e a elevação de / e /.

Podemos então, reconhecer que as três regras básicas sugeridas por Silva (1989), para descrever o comportamento da pauta pretônica baiana, podem perfeitamente se aplicar ao nosso dialeto, com uma pequena alteração na regra variável de elevação.

### III FORMALIZAÇÃO DO CONDICIONAMENTO EXERCIDO PELA VOGAL SEGUINTE NA REALIZAÇÃO DAS VARIANTES PRETÔNICAS

1) Regra Categórica de Timbre → determina para as pretônicas de traço [ - alto - nasal ] o traço [ - baixo ] para as vogais

que estiverem no contexto de mesma altura (ê e ô); e o traço [ + baixo ] às que estiverem nos seguintes contextos : antes de a, é, ó, â, ê, õ.

Ex.: [ - baixo ] fêvereiro, mêxer, bêber, rêceber, sêmelhante, vêrmelho  
sêtor, dêcorei, nêrvosismo, têrrorista, pêscoço, pêssoal  
môrrer, gôverno, pôbreza, bôletim, sôfrer, côrrer, prôteger  
gôstoso, fôfoqueira, môtorista, sôcorrer, côlorida, chôrou

[ + baixo ] féderal, dêterminado, sêmbestre, véterano, répresentante  
résposta, négócio, rélógio, nêrvosa, dêcorativo, médrosa  
cólégio, flôresta, lôteria, nóvela, prócesso, tólerante  
côlocar, próposta, fófoca, góstosa, chôcolate, fôrmosa

relação, vérdade, mércado, pédaço, gérados, sécar, lévar  
côração, jógava, lôtado, fôrmar, chórar, tócar, mórar  
désenho, pésando, résponsável, réclama, pésonagem  
prôblemas, córtando, nóvembro, chócando, mórrendo

2) Regra Categórica de Elevação → determina para as pretônicas de traço [ - alto - nasal ], o traço [ + alto ] quando estiverem no contexto de vogal [ + alta, + anterior, + nasal ]

Ex.: minina, pidindo, siguindo, seguinte, sirvindo, difini  
cuzinha, dumingo, durmiindo, fucinho, subrinha, muringa

3) Regra Variável de Elevação → determina para as pretônicas de traço [ - alto - nasal ], a troca do sinal [ - alto ], preferencialmente, no contexto de vogais altas e de certas consoantes.

Ex.:	tiria	-	téria	-	têria
	pricisa	-	précisa	-	prêcisa
	sigurança	-	ségurança	-	sêgurança
		-	rêcusam	-	rêcusam
	sufrimento	-	sófrimento	-	sôfrimento
	purtuguês	-	pórtuguês	-	pôrtuguês
	turcida	-	tórcida	-	torcida

4) Regra Variável de Timbre → determina para as pretônicas de traço [-alto, -nasal], a troca do traço [+baixo], preferencialmente no contexto de vogais altas não nasais, dos ditongos, e especificamente para / e /, também no contexto de é ; e inseridas num determinado contexto social.

Ex.:	_____	-	pêsquisa	-	pêsquisa
	_____	-	pêssual	-	pêssual
	_____	-	pêriodo	-	pêriodo
	_____	-	pêrdia	-	pêrdido
	_____	-	tôrtura	-	tôrtura
	_____	-	côrrupto	-	côrrupto
	dipóis	-	_____	-	dêpois
	_____	-	crêscceu	-	crêscceu
	butei	-	_____	-	bôtei
Só para / e /:	_____	-	nêcessitada	-	nêcessitada
	_____	-	fêdêral	-	fêdêral
	_____	-	cêlébração	-	cêlébrando

#### IV CONCLUSÃO

Concluimos, portanto, que os resultados obtidos são previsíveis. As variantes abertas [é] e [ó] são majoritárias no dialeto pessoense, apesar de haver ocorrência significativa de variantes elevadas [i] e [u] e fechadas [ê] e [ô], que estão sempre subordinadas à presença de vogais de mesma altura na sílaba seguinte. Logo, médias altas ocorrem predominantemente antes de [i], [ĩ] e [ũ], e as médias fechadas exclusivamente antes de [e], [o] e de certos ditongos.

Na verdade, é o princípio da harmonização vocálica que rege a variação da pauta pretônica no dialeto pessoense. Isso justifica a posição da variável vogal da sílaba seguinte que se evidencia

como a mais importante em relação às demais variáveis lingüísticas e sociais consideradas em nossa pesquisa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Rio Grande do Sul, 1993. Dissertação (Mestrado). UFRS.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica*. Rio de Janeiro, 1980. Tese (Doutorado). UFRJ.
- BORTONI, Stela M., GOMES, Christina A., MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 1, v.1, p.9-29, 1992.
- CÂMARA JR., J. MATTOSO. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 44.
- SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas na fala baiana — A variedade culta de Salvador*. Rio de Janeiro, 1989. Tese (Doutorado). UFRJ.
- \_\_\_\_\_. Um traço regional na fala culta de Salvador. A variação no português do Brasil. *Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. V. 5, n. 18, p. 80, 1991.